

# Memórias: virada dos anos 1960

## **Cremilda Medina**

Doutora; Universidade de São Paulo  
medinase@usp.br

## **Resumo**

Em comemoração aos vinte anos do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, a autora faz um relato histórico envolvendo duas de suas grandes memórias. A primeira, uma satisfação pela expansão do mapa da pesquisa na área, bem como pelo aperfeiçoamento profissional e pela qualificação acadêmica do jornalista. Outra recordação é a estima pela graduação na mesma universidade, apesar das dificuldades em se legitimar a profissão e do contexto de formação junto à instável situação política na América Latina, cujo diploma de Jornalismo obtém em circunstâncias que abalariam o país nas décadas seguintes. Formada em 31 de março de 1964, a autora testemunha a evolução da formação em jornalismo nos últimos 50 anos, enquanto louva a descoberta de modelos teóricos e práticos. Neste percurso, reencontra fatos que lhe alcançaram sucesso profissional e pessoal, entre eles, a estruturação familiar e uma de suas mais importantes conquistas: o Projeto transdisciplinar Saber Plural, coordenado pela autora na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

## **Palavras-chave**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Jornalismo. Formação profissional. Formação acadêmica. Projeto Plural.

## **1 Duas grandes memórias**

Ao se comemorarem duas décadas de pós-graduação nos cursos de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, afloram na memória duas gratificações: início pela satisfação de ver como se expandiu o mapa da pesquisa na área. Como primeira mestre formada na América Latina, egressa em 1975 do primeiro curso de pós-graduação em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo, sempre defendi a descentralização dessa iniciativa pioneira para os demais *campi* nacionais. É fundamental o fortalecimen-

to regional, atendendo às demandas localizadas do aperfeiçoamento profissional e qualificação acadêmica numa área estratégica como o Jornalismo e demais ramificações da comunicação coletiva. Acrescente-se que tenho tido contato com a atual proposta, como visitante em bancas, oficinas e outros eventos: com prazer constato que a Universidade Federal do Rio Grande do Sul mostra sinais de que consolidou seu projeto de formação de mestres e doutores.

Em segundo lugar, como poderia deixar de lado minha formação na graduação nos primeiros anos da década de 60 que se completaram em Porto Alegre com a docência no curso de Jornalismo de 1967 a 1970, quando me mudei para São Paulo? Posso falar das vívidas lembranças do percurso universitário, como aluna e como professora, que criou raízes expandidas nas cinco décadas posteriores. Em depoimentos nacionais e fora do País, em sala de aula ou encontros acadêmicos, há muito o que citar a propósito do curso de graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O depoimento que ora flui na espontaneidade dos afetos vale mais do que um artigo racionalmente estruturado. Isto porque se completam 55 anos em que se consumou uma decisão misteriosa: como fazer vestibular para um curso que não tinha prestígio? Que pai aceitava tranquilamente tal opção? Por que abdicar de medicina, direito, arquitetura ou matemática? Mas a minha intuição se sobrepôs e lá estava eu nas listas de aprovação no Jornalismo (em segundo lugar) na primeira chamada de fim de 1960 e em Letras Clássicas (primeiro lugar) na segunda chamada, no início de 61.

A reação foi violenta por parte da família: lá isso era curso que merecesse o investimento da inteligência da jovem egressa do ginásio no Colégio Farroupilha e do clássico no Julinho (Colégio Estadual Júlio de Castilhos)? Não bastasse a inconformidade dos pais, o então diretor da Faculdade de Filosofia e Letras chamaria a caloura à sua sala, pois a conhecia das aulas de latim no segundo grau (à época, clássico), e puxaria as orelhas: *que é isso, menina, você não pode fazer Jornalismo como curso principal e matérias isoladas em Letras. Angelo Ricci (1915-1966), um humanista com sangue e gestos italianos, discutiu vigorosamente com a rebelde, queria porque queria que estudasse grego e latim a fundo e deixasse esse outro curso menor. Que jornalista, que nada. Mas a caloura bateu pé e se lançou ao futuro incerto.*

Foram três anos de dedicação apaixonada ao Jornalismo e quatro de Letras nas horas suplementares, recortando as disciplinas de Teoria Literária, Estética, Língua e Literatura

Portuguesa e conjugando a faculdade com o curso de Nancy da Aliança Francesa.<sup>1</sup> A teimosia pelo Jornalismo conscientizava gradualmente um projeto de trânsito social: queria, sim, ir ao mundo com os poros abertos para reportá-lo, ajudar os que estavam à margem da História, colher suas vozes, seus gritos de socorro. Eram tempos épicos, todos queriam participar da transformação e o lugar da jornalista me parecia fundamental na linha de frente das grandes causas. Até sonhava com uma delas, a dos *menores abandonados*. A ênfase da época, nos primeiros anos da década de 60, mobilizava corações e mentes, Marx, Sartre e Camus. A rebeldia original na escolha do curso encontrava sentido na UNE, nos movimentos e ações dos estudantes universitários, na arte, na cultura dos corredores internos e externos da faculdade, nas caminhadas no Parque da Redenção, espaço contíguo à antiga Faculdade de Filosofia.

É emblemática a marca da resistência, sina que se colou à rebeldia. O diploma de Jornalismo na formatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul registra a data fatídica – 31 de março de 1964. Quando, na manhã de 1º de abril, a pequena turma que se formara em Jornalismo na véspera tomou a Rádio da Universidade para iniciar a resistência, teve poucas horas de ação revolucionária. Vieram depois *as coisas de não*, que essa geração viria a recitar na poesia de João Cabral de Mello Neto, pouco tempo depois ao ler *Morte e vida severina*, acompanhada pela música de Chico Buarque. Os jovens que, ainda na faculdade, navegaram pelo *Rio*, outra obra do poeta, persistiram no sonho, nas futuras *coisas de sim* e ingressaram na nova era sem esmorecer.

Na batalha que se travou nos idos de 68, nos tormentosos primeiros anos da década de 1970, em São Paulo, e em todos os sucessivos embates coletivos ou individuais, o curso de Jornalismo da virada dos 60 alimentou recorrente resistência cultural. Ao trazer à tona essa bagagem em momentos públicos ou no exercício profissional como comunicadora social ou na área acadêmica – ensino e pesquisa – há inúmeros pontos de luz que merecem ser brevemente sublinhados. Dos anos 50 para a década seguinte, ocorre uma mutação no curso de Jornalismo e na Universidade como um todo: primeiro, jovens egressos da escola secundária aderiram à profissão e assumiram os estudos, a formação universitária; segundo, a virada de década assinala também a chegada numericamente explosiva da mulher na universidade. Dois fatos que vão se refletir nas décadas posteriores de maneira incontestável. Os primeiros grupos dos cursos de Jornalismo (do fim dos 40 ao fim dos 50) eram mais velhos e mais masculinos. Nos 60, os meninos rebeldes e as meninas teimosas entravam na

---

<sup>1</sup> Trata-se do curso da Universidade de Nancy, na França, ministrado pela Aliança Francesa.

universidade não para tertúlias de bacharéis, mas para agarrar com ferocidade uma profissão de luta.

Mas era impossível não conjugar os entusiasmos revolucionários com o acervo clássico de informações no bojo da formação humanística. A grande vantagem do curso de Jornalismo na fase anterior às faculdades de comunicação se revelava no convívio do grande ventre da filosofia, ciências e letras. As aulas partilhadas com os demais cursos se irrigavam de bibliografias da história, da sociologia, da política, do direito, da geografia, das letras, da filosofia. Da excursão de trabalho de campo em Geografia Humana à discussão conceitual de Ciência Política, as fronteiras disciplinares eram tênues e a interdisciplinaridade se cumpria na consequência prática - tudo se cruzava no interesse de um novo projeto histórico para o Brasil. O calor dos debates se motivava em uma exposição de aula ou em leituras complementares, muitas delas escolhidas pelos alunos para ter munção intelectual e até mesmo contestar teorias por eles consideradas ortodoxas.

Os estudantes de Jornalismo, que conviviam no centro acadêmico da Faculdade de Filosofia e aderiam a muitas frentes da União Nacional dos Estudantes, ainda acrescentaram um espaço de pesquisa e ação – o Clube de Jornalismo. Lembro bem dos estudos de marxismo encarados com muita seriedade. Mas, por outro lado, a vertente literária sempre seduziu esse *bichinho* especial que entra na atual faculdade de comunicação social. De certa forma, em todas as décadas, há um desejo majoritário de escrever, de se realizar como poeta, escritor, autor criativo. Pois nos tempos aqui lembrados, o terreno da UFRGS era muito fértil. Os professores de língua e literatura, originários de Letras, mas totalmente voltados para o Jornalismo, irradiavam noções até hoje pouco assimiladas tanto pelos profissionais experientes quanto por grande parte dos currículos universitários. O amor pela língua praticada no Brasil, a coleta dessa expressão na literatura contemporânea ou nos falares da rua imunizou toda essa geração contra o vírus da rejeição do rosto cultural e todas as infestações que se sucedem no colonialismo mental. Os estudantes podem não ter assumido a frente literária, mas, como jornalistas, tiveram a preciosa oportunidade de se sentirem afetos à literatura e à oratura do povo a que pertencem.

Como se tudo isso não fosse suficiente – a formação da cidadania, o repertório humanístico e apropriação compreensiva e criativa da língua como marca de identidade –, os meninos egressos do curso de Jornalismo também saíam preparados para enfrentar tecnicamente a profissão. Da produção da notícia à veiculação em jornal, revista ou rádio (faltava ainda a formação televisiva), os alunos se exercitavam nos primevos laboratórios. Fazia-se o

*Jornal Escola* e todas as mídias impressas da Universidade. *O Universitário*, semanário do movimento estudantil, era tomado de assalto pelos estudantes de Jornalismo. Na Rádio da Universidade, experimentava-se a informação factual e a crônica de campanhas de serviços públicos. Fotografia e diagramação deleitavam os mais propensos às artes visuais. No dia a dia da faculdade, não cessava o brado por melhores laboratórios, mais recursos técnicos, uma ladainha constante na história universitária. O problema, à época, se tornava mais agudo quando faltavam máquinas de escrever... Alguns abnegados professores nos levavam para suas casas e ali se montavam redações, com direito a jantar e lanche.

Acompanhei outras etapas dessa história, já então como docente na Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, mudanças do curso de Jornalismo da URGs de 1967 a 1970. A partir de 1971, na Universidade de São Paulo, sintonizei com outras instituições nacionais, viajei pela América Latina e em outras regiões do mundo. Os fóruns se ampliaram, sucederam-se modismos, como a formação fenomenológica da era da Comunicação, a formação tecnológica da era da Informática, a formação especializada, disciplinar, a formação interdisciplinar etc. Houve, inclusive, ciclos em que se decretou e se decreta a não-formação, rejeitando o diploma universitário. Os cursos de Jornalismo saíram do ventre materno e se lançaram à vida autônoma ainda na década de 60; justamente a Universidade de São Paulo cria, em 1966, a nova cultura da Escola de Comunicações e Artes. E ao se implantar na ECA, em 1972, o primeiro curso de pós-graduação de Ciências da Comunicação da América Latina, criam-se condições para a produção autóctone de conhecimento na área. À efervescência de modelos teóricos e das práticas profissionais, se contrapõem as frustrações coletivas da ditadura, da repressão, da censura. Mas os formandos da URGs do dia 31 de março de 1964 levaram adiante, em terras de Santa Cruz, o sonho dos que nunca abandonaram a humanização e a responsabilidade social desse diploma universitário (MEDINA, 1982).

A lembrança desse dia da formatura e do golpe militar traz à tona momentos significativos da velha faculdade. As ferramentas de trabalho nos primeiros quatro anos da década de 60 balizaram o conflito permanente, hoje registrado em textos e experiências profissionais. A vantagem dessa mexida na memória é o fato de aflorarem com clareza os principais alicerces que tais ferramentas construíram. No esforço de síntese, destacam-se os fundamentos éticos da responsabilidade social do jornalista, o aprendizado das técnicas historicamente desenvolvidas e a inquietude estética para recriá-las na necessária inovação dos contextos humanos.

A par da visão de mundo e das informações acadêmicas, soma-se o convívio inquieto na sala de aula e fora dela. Os poucos colegas – éramos sete, mas um deles, Almiro Dutra da Silveira, morreu no segundo ano da faculdade, nos formamos em seis – da turma de Jornalismo caminhavam juntos em tempo integral. Além das aulas, atividades políticas e jornalísticas na imprensa universitária, curtíamos juntos ciclos de conferências e de cinema, frequentávamos a discoteca pública de Porto Alegre, marcávamos de nos encontrar no Teatro São Pedro para assistir às peças do TBC, na *matinée* gratuita de sábado. Embora alguns, como no meu caso, logo tivessem trabalho no mercado, não abandonamos esse ambiente de fruição artística, de impregnação universitária e de convívio social. Lembro de, aos domingos, ajudar na alfabetização de adultos, na minha casa. Não havia, sobretudo, uma quebra entre o que se aprendia e o que se praticava no projeto social ou na iniciação profissional.

## 2 A virada dos anos 1960: saberes plurais

Sempre me rebelei contra a crítica ingênua ou mal intencionada que se faz por aí aos estudantes de comunicação. À origem, tomando como exemplo um curso de jornalismo cuja justificativa nasceu no fim do século XIX nos Estados Unidos, persisto em atestar que foram esses verdes anos na hoje FABICO os responsáveis pelos alicerces na profissão, na pesquisa e na educação que desde então assumi. Em 1967 fui chamada para dar aula no curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em seguida faria parte da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) até 1970. Como professora, reatei a pesquisa que iria até os dias de hoje na Universidade de São Paulo, depois de me mudar de Porto Alegre em fins dos anos 60. Mas em todo o percurso, a presença da graduação na UFRGS está assinalada em meu cotidiano. Pena que não foi possível, em 2014, por ocasião dos 50 anos da formatura, reunir aquele inesquecível grupo, apesar do desejo de nos encontrarmos, partilhado em encontros esporádicos. Teríamos nos lembrado de várias dessas circunstâncias que nos marcaram. Ainda bem que no convívio doméstico do colega e companheiro Sinval Medina, não há como apagar as recordações do passado. E a Internet também renova contatos, entre os inúmeros benefícios que a tecnologia presta; mas, por outro lado, cria a preguiça do corpo presente. Palavras e abraços à distância não substituem o *ato presencial* saudoso (MEDINA, no prelo).

Mas não posso deixar de registrar que sou privilegiada nessa turma de 1960 a 1964. Afinal encontrei nela o Sinval, que me deu o sobrenome Medina. Como casamos em dezembro de 1964, já em tempos pesados da ditadura militar, somamos esforços na resistência

que nos caracteriza. Ou seja, as memórias do curso de jornalismo acompanham o dia-a-dia das histórias narradas aos dois filhos, Ana Flávia e Daniel, agora aos três netos, Gabriel, Alice e Tomás, à família que se espalha em vários territórios. Fora do círculo mais íntimo, há os que se cruzaram nas frentes jornalísticas e os jovens alunos de várias gerações e latitudes. Todos já ouviram alguma dessas histórias e, principalmente, sabem do significado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do curso de Jornalismo, de Letras e Didática no meu cotidiano acadêmico. Na passagem do século XX para o século XXI tenho voltado seguidamente a Porto Alegre. O laço científico se reafirma, agora com propostas epistemológicas e novos paradigmas que a pesquisa em comunicação social impõe. Uma caminhada coletiva com parceiros e ex-alunos que une diferentes origens brasileiras e internacionais.

Para os colegas que se projetaram na autoria poética, para os jornalistas que, como eu, se entregaram às mediações da Comunicação Coletiva, para os colegas que se voltaram para a Educação, peço um brinde ao curso de graduação que tanto nos afetou. Aos jovens que atualmente cursam a pós, professores que orientam pesquisas de mestrado ou doutorado, desejo a mesma fibra multiplicadora da criação pioneira e responsabilidade social que estava presente na experiência histórica da graduação gaúcha. Hoje formamos uma comunidade sem fronteiras, tanto geopolíticas como científicas e culturais. Não é por acaso que nos primeiros passos de um projeto inter e transdisciplinar que coordeno na USP desde 1990, *o discurso fragmentalista da ciência e a crise de paradigmas*, batizado como *Saber plural*, uma das primeiras universidades das andanças em seminários foi a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O segundo livro da série *Novo pacto da ciência*, com o título *Do hemisfério sol* (MEDINA; GRECO, 1993), registra temas que alimentam as trocas interdisciplinares quanto aos *impasses do discurso científico*. O texto (pág. 67) remete para um debate que reuniu intelectuais de Educação, Filosofia, Semiótica, Física, Artes, Medicina, Psicologia e Engenharia Ambiental, sob a coordenação do Departamento de Comunicação da UFRGS.

O Projeto Plural já consagrou a disponibilidade das disciplinas não só para o intercâmbio entre os especialistas, mas, numa maior ousadia transformadora das grades curriculares, tem encontrado desafios que atravessam a interdisciplinaridade rumo a temáticas transdisciplinares. O seminário de Porto Alegre em 1992 sintonizou à partida com essa *Atravessagem* (MEDINA, 2014). Se recorrermos à síntese final da discussão, encontram-se inquietudes científicas que, por certo, persistem nos encontros atuais. A título de homenagem à iniciativa que, segundo minha constante afirmação, se realiza no âmbito do *Signo da relação* (MEDINA, 2006), transcrevo o último parágrafo:

A Jornada de Comunicação de Porto Alegre, realizada no auditório da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, se encerrou com propostas e estratégias a serem aprofundadas e postas em prática em um tempo imediato. O biólogo Alfredo Veiga Neto defendeu a proposta pedagógica, salientando a natureza ética da educação e a realidade problemática que vivemos para a qual um paradigma científico fechado não dá resposta; a filósofa Anna Carolina Regner puxou para o viés epistemológico, embora tudo vá desaguar na felicidade humana. A estratégia que recomenda é a da discussão de várias teorias, inclusive não deixando de lado as que provêm da retórica acadêmica mais tradicional. Como ecologista, Zeno Simon luta pela busca de equilíbrio entre os conhecimentos científicos rigorosos e a crítica do uso dos mesmos em função da cidadania. Simone Castiel volta a insistir que, pelo menos na área de Psicologia, os avanços do conhecimento têm respostas insuficientes para as situações reais; recomenda, portanto, uma maior aproximação da teoria com a realidade. Como artista, Roberto Pimentel requer para ele a condição de desagregador, transgressor, um espelho de mazelas e virtudes da humanidade: senhores poderosos, deixem os artistas produzir, recomenda com ênfase. Sandra Adams, que há muito abdicou da postura do saber autoritário como médica, tem uma prática muito rica de cursos com seus pares. Ela vem desenvolvendo a nova pedagogia da Ciência, o convívio dos diferentes e põe seu centro de atividades à disposição de novos encontros. Lívio Amaral, físico, que começou se proclamando **doido** nos versos de Fernando Pessoa, convidou os estudiosos a recuperarem a poesia no seu íntimo, porque se um cientista do século XVII via e ouvia a locomotiva de um trem, hoje não se vê, não se ouve, não se sente a religiosidade de um computador.

A contribuição interdisciplinar, iniciativa a partir da mediação das Ciências da Comunicação, se multiplicou nos últimos 25 anos do Projeto Plural e, entre as universidades que acolheram o debate, quase sempre em nível de pós-graduação, não poderia deixar de considerar a Federal do Rio Grande do Sul, por conta de meus laços históricos com a instituição. Nos onze livros publicados da série *Novo pacto da ciência* (MEDINA, 1991, 1999, 2005, 2010; MEDINA; GRECO, 1993, 1994, 1995, 1996, 1998; MEDINA; MEDINA, 2008, 2009), as marcas de intercâmbios acadêmicos saem da USP para várias instituições nacionais de Manaus, Natal, João Pessoa, Recife, Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis, Cuiabá, Campo Grande, Londrina, Maringá, Porto Alegre, São Leopoldo, Caxias do Sul, Campinas, Bauru, entre outras cidades no País, bem como encontros em Buenos Aires e no Porto, em Portugal. A pauta interdisciplinar se alargou, enfrentaram-se grandes desafios transdisciplinares, mas a discussão dos primeiros anos da “crise de paradigmas” e da necessidade de romper com o “discurso fragmentalista da ciência” (selo de um dos primeiros projetos integrados de pesquisa junto ao CNPq) colheu, em Porto Alegre, noções epistemológicas que se reforçaram ao longo da proposta dos últimos 25 anos. Conforme o resumo acima transcrito, os diferentes saberes científicos acentuam no convívio o comprometimento ético da pesquisa, a inovação que mede as conseqüências sociais do conhecimento, o valor da empiria e o

casamento indissolúvel de teoria e prática, o respeito e agregação dos saberes plurais, inclusive daqueles que fogem da alçada ortodoxa da ciência como a fruição das transgressões da arte. Temáticas variadas do itinerário de debates, artigos e ensaios-reportagens foram reunidos nos onze títulos: a crise de paradigmas contemporânea, a voz cantante do Hemisfério Sul, o mundo do trabalho, a crise do Estado Nacional, energias sustentáveis, medicina, liberdade de imprensa e direito à informação, desafios sociais e ambientais da passagem do século XX para o século XXI, mediações jornalísticas entre ciência e sociedade, Portugal-Brasil sob nova relação. Todos os exemplares têm sido estudados à luz de propostas recorrentes, em que as da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1992, fazem parte de um núcleo fundante da epistemologia contemporânea.

No grupo de pesquisa afeto à primeira pós-graduação do Brasil, na Escola de Comunicações e Artes da USP, sempre se fizeram presentes alunos de mestrado e doutorado gaúchos, muitos também egressos da Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadores engajados na experiência do Projeto Plural que se desenvolve a partir da ECA e do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam), ambos da Universidade de São Paulo, têm dado uma contribuição autoral na inter e transdisciplinaridade. Quase todos, que acompanhei como orientandos, alunos da pós ou em bancas de defesa de dissertações e teses, voltaram aos pagos sulinos e hoje se constituem em quadros de liderança na graduação e na pós-graduação de universidades públicas e privadas do Rio Grande. Não vou nomear neste espaço para não correr o risco de omitir algum desses jovens docentes, mas tenho a honra de manter contato afetivo e intercâmbio acadêmico com muitos deles. Nesse sentido, a cadeia solidária e inovadora da pesquisa oferece a olhos vistos uma irradiação gratificante que, como sempre repito, tem um marco definitivo no diploma da URGs, no dia 31 de março de 1964.

Não há incoerência nem descontinuidade no aprendizado de responsabilidade social ou ética solidária, técnicas consistentes e estéticas transformadoras que a vivência agitada dos primeiros anos da década 1960 introjetou nos estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e os sucessivos estudos da pós-graduação implantada no País nos anos 1970, as décadas de 80 e 90 consagraram na Academia a comunicação social como fundamental braço da democratização e da cidadania brasileiras e projetam para as primeiras décadas do século XXI o enfrentamento e qualificação da linguagem do Diálogo Social. Se há muito por fazer tanto nesse domínio amplo da comunicação coletiva, como no domínio da transformação do eixo da ortodoxa divulgação científica para o Signo da Relação que se rea-

liza na circularidade ciência-sociedade, sociedade-ciência, hoje contamos com mediações autorais na reflexão e na prática das estratégias de interação social criativa. O balanço histórico oferece indicadores otimistas, daí o significado de revolver memórias.

Gostaria de deixar anotado que esses autores da teoria e da prática comunicacional, assinando a pesquisa universitária e profissionalização no mercado, seja no Brasil, seja em outros países da América Latina, da Europa ou em territórios mais longínquos como o Japão, aperfeiçoaram metodologias e se abriram a novos paradigmas no contato dialógico de grupos do Projeto Plural. Estou debruçada sobre um novo livro em que levanto a força do *ato presencial* na educação e no jornalismo. Não rejeito as tecnologias à distância, ou o convívio ao longe favorecido pelos atuais equipamentos. Mas, em toda a trajetória de teletipo para internet, de telefone a videoconferência, permanece insubstituível o encontro e desencontro dos cinco sentidos humanos, na sala de aula ou na entrevista, na pedagogia ou nas narrativas da contemporaneidade, em especial na Reportagem. Os fragmentos de memória que ensaiei neste texto provêm do corpo a corpo e da latência da interação humana. Porque lembrando os anos 1950, na escola secundária, ou na virada dos 60, o que ficou e se desenvolveu na vida e na profissão foram momentos vivos de contato com professores e colegas, nos espaços formais da escola e nos espaços informais dentro e fora de seus muros. Como esquecer, por exemplo, que nós, aprendizes de redação e edição, íamos para a casa do professor Salvador Bruno, no Bonfim, fechar o *Jornal Escola*, num laboratório de intimidade doméstica? (Quando hoje reúno alunos de pós-graduação da USP na minha casa no lugar de me comunicar com eles via e-mail ou redes eletrônicas, sei de antemão que a proposta pedagógica que aprendia no curso de Didática da UFRGS pela minha inserção em Letras tem validade garantida no ato presencial, devido ao ambiente descontraído, acolhedor, a exemplo da experiência em Porto Alegre nos idos de 1962. Só nessa circunstância acontece *interação social criadora*.).

Convém conjugar, pois, as duas formações – Jornalismo e Letras – na Federal do Rio Grande do Sul. Do Jornalismo recebi a motivação prática e subsídios teóricos para ser repórter; no curso de Letras encontrei motivação e subsídios pedagógicos para o Signo da Relação como educadora e profissional da comunicação social. De brinde, a inspiração poética nas narrativas da contemporaneidade ou a *arte de tecer o presente* (MEDINA, 2003). Graças ao convite para deixar aqui este testemunho, posso render a homenagem aos queridos professores (muitos deles nos deixaram) e aos colegas dessa vibrante virada dos anos 1960.

## Referências

MEDINA, Cremilda (Org.). **Caminhos do saber plural**: dez anos de trajetória. São Paulo: USP, 1999. (Série Novo Pacto da Ciência, 7).

MEDINA, Cremilda (Org.). **Ciência e sociedade**: mediações jornalísticas. São Paulo: USP, 2005. (Série Novo Pacto da Ciência, 8).

MEDINA, Cremilda (Org.). **Liberdade de expressão, direito à informação nas sociedades latino-americanas**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2010. (Série Novo Pacto da Ciência, 11).

MEDINA, Cremilda (Org.). **Novo pacto da ciência**. São Paulo: USP, 1991. (Série Novo Pacto da Ciência, 1).

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente, narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Ato presencial, mistério e transformação**. No prelo.

MEDINA, Cremilda. **Atravessagem**: reflexos e reflexões na memória do repórter. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação, comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista**: responsabilidade social. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton (Orgs.) **Do hemisfério sol**: o discurso fragmentalista da ciência. São Paulo: USP, 1993. (Série Novo Pacto da Ciência, 2).

MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton (Orgs.). **Agonia do Leviatã**: a crise do estado moderno. São Paulo: USP, 1996. (Série Novo Pacto da Ciência, 5).

MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton (Orgs.). **Planeta inquieto**: direito ao século XXI. São Paulo: USP, 1998. (Série Novo Pacto da Ciência, 6).

MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton (Orgs.). **Saber plural**: O discurso fragmentalista da ciência e a crise de paradigmas. São Paulo: USP, 1994. (Série Novo Pacto da Ciência, 3).

MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton (Orgs.). **Sobre vivências no mundo do trabalho**. São Paulo: USP, 1995. (Série Novo Pacto da Ciência, 4).

MEDINA, Cremilda; MEDINA, Sinval (Orgs.). **Diálogo Portugal Brasil século XXI**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2008. (Série Novo Pacto da Ciência, 9).

MEDINA, Cremilda; MEDINA, Sinval (Orgs.). **Energia, meio ambiente e comunicação social**. São Paulo: Mega Brasil, 2009. (Série Novo Pacto da Ciência, 10).

## Memories: the turn of the 60's

### Abstract

Commemorating the twentieth anniversary of the Graduate Program in Communication and Information of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), the author gives a historical report involving two of its greatest memories. The first touches the satisfaction regarding the expansion of the researches in this area, as well as the professional improvement and academic qualification of the journalist. The second one regards the deference for graduating at the same university, despite the difficulties in legitimizing the profession and the education context alongside the politically unstable situation in Latin America, which the degree in Journalism gain during circumstances that would shock the country in the following decades. As graduated on March the 31th, 1964, the author has witnessed the evolution of education in Journalism in the last fifty years, while praising the discovery of theoretical and practical models. During this process, she encountered the factors that handed her her professional and personal success, among which there were the family structuring and one of her most important achievements: the Projeto transdisciplinar Saber Plural – or Plural Knowledge Transdisciplinary Project, in English – coordinated by the author at the University of São Paulo School of Communications and Arts (ECA-USP).

### Keywords

Federal University of Rio Grande do Sul. Journalism. Professional education. Academic formation. Plural Project.

Recebido em 01/09/2015

Aceito em 30/11/2015

Copyright (c) 2015 Cremilda Medina. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

